

PAPA
FRANCISCO

DEUS
E O MUNDO
QUE VIRÁ

Uma conversa com
Domenico Agasso

Tradução
João Carlos Almeida
(Pe. Joãozinho, scj)

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

1



O PONTO CRUCIAL PARA A HUMANIDADE

Planeta

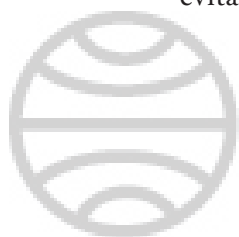
Santo Padre, como Vossa Santidade interpreta o “terremoto” que em 2020 atingiu o mundo sob a forma de coronavírus?

“Na vida existem momentos de escuridão. Muitas vezes pensamos que eles não vão acontecer conosco, mas apenas com os outros, em outro país, talvez em um continente distante. Em vez disso, estamos todos na mesma: no túnel da pandemia. Dores e sombras atingiram as portas de nossas casas, invadiram nossos pensamentos, atacaram nossos sonhos e planos. E, assim, hoje ninguém pode se dar ao luxo de se sentir confortável. O mundo nunca mais será o mesmo. Mas é exatamente dentro dessa calamidade que aparecem aqueles sinais que podem vir a ser os pontos-chave da reconstrução. Todas as medidas adotadas não são suficientes para resolver as emergências. A pandemia é um sinal de alarme sobre o qual a humanidade é forçada a refletir. Este tempo de prova pode, portanto, tornar-se um tempo de escolhas sábias e visionárias para o bem da humanidade. De toda a humanidade.”

Quais são as suas sugestões para enfrentarmos o caminho dentro do túnel?

“Estamos cansados, decepcionados, desiludidos, tristes. Achamos que não vamos conseguir. Deus está nos interpelando, convidando-nos antes de tudo a abraçar a Sua cruz, o que significa encontrar a coragem para abraçar todas as adversidades do tempo presente. O Senhor nos exorta à resiliência e a não nos fecharmos dentro de nós mesmos, mas a revolucionar nossas prioridades, a repensar a hierarquia de nossos valores, a despertar e ativar a solidariedade e a esperança para dar solidez e estabilidade a esta época em que tudo parece entrar em colapso. Procurando viver este momento difícil com a força da fé e o fervor da caridade, treinamos nossos olhos para contemplar os outros com bondade, para encontrar os que sofrem, porque certamente há alguém próximo de nós, no nosso meio, que está ‘mancando’, ou teve de parar por estar exausto. Somos chamados, como seres humanos e como cristãos, a nos inclinarmos na direção desses nossos irmãos e irmãs e ajudá-los a se levantar para continuar o caminho rumo ao brilho daquela nova luz que iluminará a tudo e a todos. No entanto, será o mesmo que não ter chegado lá, se não apoiarmos os que não estão de pé, se não arrancarmos do esquecimento aqueles que estão sofrendo e são invisíveis aos olhos egoístas. Estamos em um ponto crucial para

a humanidade, também ameaçada por outro vírus terrível, que pode ser mais letal do que o da Covid-19: o vírus do egoísmo, que se transmite pela crença de que ‘a vida melhora se as coisas melhorarem para mim’; de que ‘tudo ficará bem se eu estiver bem’. Partindo dessa crença, chegamos ao ponto de discriminar as pessoas, descartar os idosos, marginalizar os pobres e rejeitar os ‘incômodos’. O resultado é a injustiça social, a desigualdade de oportunidades, a falta de proteção para os mais fracos. Porém, existe uma maneira de evitar essa contaminação.”



Planeta

Qual?

“Criar os anticorpos da solidariedade.”

O que significa isso?

“Podemos partir da descoberta de nossa fragilidade comum, que a dureza da pandemia nos jogou na cara. Por causa da miséria e da exploração de seres humanos, em algumas áreas do planeta a precariedade da existência já era havia algum tempo o ‘pão sujo’ de cada dia.¹ Enquanto isso, em outras partes do mundo, a certeza de que os poderes humanos, técnicos e científicos eram infalíveis provou ser enganosa. Agora é ainda mais evidente que, tanto no bem quanto no mal, as consequências de nossas ações sempre recaem também sobre o próximo. Portanto, a solidariedade de fato entre nós se torna uma escolha comunitária e definitiva, é o caminho para a salvação, para superarmos esta época ameaçadora: a vida é estarmos sempre juntos, e a fraternidade é imprescindível, porque sozinhos, mais cedo ou mais tarde, entramos em colapso. Se cuidarmos uns dos outros, todos poderemos viver melhor.”

1. “Pão sujo” é a tradução literal da expressão *pane sporco*, que o Papa Francisco ressignificou e popularizou para definir os bens que são fruto da corrupção, ou de qualquer tipo de exploração de pessoas. [N.T.]

2



A MÃO DO SENHOR
SEMPRE NOS LEVANTA

Planeta

Então, para nos reerguer, pode ser suficiente um ativismo prático e organizado em favor do bem comum?

“Não, do meu ponto de vista não basta. É preciso rezar. Rezar. Rezar. Penso que não podemos deixar de lado a oração.”

Por quê?

“O mundo é marcado pela ganância, e a luz de Deus é ofuscada pelas preocupações do dia a dia. Alguns costumam dizer: ‘Não tenho tempo para rezar, para atender os pedidos [de oração] dos outros’. Mas não devemos nos esquecer que a oração é deixar que Deus nos contemple no íntimo, sem fantasias, sem desculpas, sem justificativas, e isso nos torna conscientes da nossa fragilidade. E dá sentido a ela. Vem na minha mente a imagem dos apóstolos na barca ameaçada pelo mar agitado. Apavorados, sacodem Jesus enquanto Ele dorme: ‘Salva-nos, Senhor, estamos perdidos!’ (Mt 8,25). Aquela invocação – ‘Mestre, estamos nos afogando’ – é o grito dos pobres, de quem está afundando, de quem se sente em perigo, abandonado. E, em uma situação difícil, desesperadora, é importante saber que temos o Senhor para nos levantar. Deus nos sustenta de muitas maneiras. Ele nos dá força e proximidade. Como quando, em outra circunstância, estende a mão a Pedro, que corre o risco de se afogar (Mt 14,22-36). Uma cena emblemática. Os discípulos veem Cristo caminhando sobre o mar, e Pedro lhe diz: ‘Senhor, se és tu, manda-me ir sobre as águas em tua direção’. ‘Vem!’, responde o Filho de Deus. E Pedro começa a caminhar. Porém, deixa-se dominar pelo medo, pelas rajadas de vento cada vez mais

fortes, e afunda na água. ‘Senhor, salva-me!’ Jesus o agarra. E lhe pergunta: ‘Homem de pouca fé, por que duvidaste?’. Essa passagem é um convite a nos abandonarmos e confiarmos em Deus em todas as situações da vida, especialmente nas provações e dificuldades.”



Planeta

E, no entanto, existem momentos, períodos ou vidas inteiras em que parece que Deus se esqueceu de nós, que não se importa conosco, que nos deixa afundar em nossos dramas...

“É verdade, mas na realidade Deus está conosco, está perto de nós e, no momento oportuno, estenderá a mão para nos salvar. Ele sabe muito bem que nossa fé é pobre – todos somos pessoas de pouca fé, eu também sou – e que nosso caminho pode ser conturbado. Todos nascemos com uma semente de inquietude; a inquietude de encontrar a plenitude, que muitas vezes procuramos por caminhos errados. Mas, quando nossa inquietude encontra Jesus, começa a graça, porque Ele é o Ressuscitado! É o Senhor que atravessou a morte para nos manter a salvo. Antes mesmo de começarmos a procurá-lo, Ele está presente ao nosso lado. Às vezes, na escuridão, clamamos: ‘Senhor! Senhor!’, pensando que Ele está longe, que não nos ouve. E Ele, em vez disso, a certo ponto, responde: ‘Estou aqui!’. Na vida, mesmo quando nos sentimos brilhantes e vencedores, na verdade caminhamos às apalpadelas. Cada um de nós é como uma criança que começa a caminhar, mas depois de alguns passos cai; outros passos e cai novamente; e a cada vez o pai a levanta. Isso mesmo. A mão que sempre nos levanta é a misericórdia de Deus. O Senhor quer que O vejamos assim: não como um patrão com quem devemos acertar contas e a quem apenas devemos obedecer, mas como nosso

Pai, que sempre nos levanta. Ele nos levará para um lugar seguro. Quando Jesus e Pedro voltam para a barca, o vento se acalma. Então, os que estão na barca O adoram, dizendo: ‘Verdadeiramente, Tu és o Filho de Deus!’. Mais cedo ou mais tarde, cada um de nós experimentará essa descoberta.”



Isso vale para quem tem fé. Mas onde os não crentes podem encontrar conforto e entusiasmo?

“Não quero de forma alguma e em nenhum contexto distinguir entre crentes e não crentes. Somos todos humanos; pertencemos a uma só família, sem fronteiras ou distinções e, como seres humanos, estamos todos no mesmo barco. E nenhuma realidade relacionada ao ser humano deve ser distante ou estranha para um cristão. Nenhuma. Neste momento, todos estamos sofrendo por um mal universal. Poucas vezes na história, humanidade e sofrimento foram tão planetários e transversais. E, de fato, a sinergia, a colaboração mútua, o senso de dever e responsabilidade e o espírito de sacrifício que surgiu e cresceu em tantos lugares, e em diversos âmbitos, estão nos ajudando e salvando. Nunca fazemos diferença entre crentes e não crentes, devemos sempre ir à raiz: a humanidade. Diante de Deus, somos todos filhos e, portanto, somos todos irmãos.”

3



RENASCER UNIDOS

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Entre as tragédias da Covid-19 estão os casos de pessoas que morreram isoladas, sem o afeto dos familiares, que não puderam se aproximar para não serem contaminados. Cenas de partir o coração. Que pensamentos e reflexões lhe surgiram?

“Acompanhei histórias que me impressionaram e me entristeceram. As tribulações daqueles que partiram sem poder dar adeus a seus parentes se tornaram feridas no coração dos que ficaram. Idosos que perceberam que estavam à beira da morte e queriam se despedir de seus entes queridos: alguns só conseguiram graças a enfermeiras e médicos que pegaram seu celular e fizeram videochamadas para os familiares. Esses enfermos puderam ver o rosto de seus filhos, esposas, maridos, irmãos, irmãs e netos pela última vez. Eles partiram com esse precioso consolo. É a necessidade final de ter a mão de alguém segurando a sua mão. E, nos meses de emergência, tantas enfermeiras e tantos enfermeiros acompanharam de perto esse desejo vital e extremo, escutando a dor única da solidão, segurando-os pela mão. Agradeço a todos esses enfermeiros e enfermeiras, médicos e voluntários, que, apesar do extremo cansaço, arriscando a própria saúde, inclinaram-se com paciência e bondade no coração para compensar a ausência forçada dos familiares. São uma presença confiável, generosa e decisiva, um sólido ponto de referência. Na frente mais arriscada da batalha contra o vírus que assola o mundo,

eles conseguiram unir a competência profissional com esses gestos de atenção, esses detalhes humanos que se tornaram concretas e comoventes expressões de amor.”



Como pode ser definido o testemunho deles?

“São ‘anjos’ para os pacientes, que se sentem apoiados na recuperação da saúde, ou consolados na viagem em direção às fronteiras do encontro definitivo com Deus Pai. Os profissionais de saúde, em sinergia com os capelães dos hospitais, dão testemunho da proximidade de Deus para com os que sofrem. Isso inclui a criatividade de usar as tecnologias para unir virtualmente, através de uma tela, famílias atordoadas pelo inimigo invisível. Eles desenvolveram uma cultura da proximidade e da ternura, da qual todos podemos tirar lições e ensinamentos. Apesar de exaustos, continuaram a trabalhar com profissionalismo e abnegação. Quantos deles – médicos, paramédicos, enfermeiros – deixavam de voltar para casa e dormiam de forma improvisada no hospital, porque não havia leitos! Esses heróis se tornaram vigas mestras de países inteiros. Temos o dever de jamais nos esquecer disso.”

À singular dedicação destemida dos médicos, enfermeiros e trabalhadores da saúde foram acrescentados gestos de coragem de milhares de voluntários, que não se esqueceram dos últimos dos últimos: os sem-teto, os migrantes, os idosos solitários, os indigentes “de sempre” aos quais se juntaram “os novos pobres”, aqueles que não possuem mais nada devido à crise econômica pós-pandêmica. Que papel essa rede de solidariedade pode desempenhar para o nosso futuro?

“Serve, de uma vez por todas, para lembrar as pessoas de que a humanidade é uma só comunidade, uma só família, e que a fraternidade universal é mais importante e decisiva do que nunca. Já não pode haver o ‘outro’, mas apenas um imenso ‘nós’, sem nenhum tipo de marginalização. O mundo está sendo chamado a dar sentido a estes tempos tão difíceis, redescobrimo novos espaços para a solidariedade. Devemos reagir à pandemia do coronavírus e da ganância com a universalidade da oração, do altruísmo, da compaixão, da ternura. Recomeçar e renascer unidos. E, então, permanecer em harmonia, porque somente juntos poderemos sair do confinamento e do distanciamento planetário. É chegado o momento de aplicar a oração de Jesus: ‘Que todos sejam um’ (Jo 17,21). Podemos redesenhar e recalibrar nosso futuro olhando para as raízes: os avós, os idosos. Eles nos ajudarão a finalmente construir uma verdadeira fraternidade entre nós. Fazendo

memória desta difícil experiência que vivemos todos juntos, ajudemo-nos uns aos outros a seguir em frente com esperança, que nunca decepciona. As palavras para recomeçar são quatro: *raízes, memória, fraternidade e esperança*. É o momento de fazer frutificar a energia positiva que – muitas vezes gratuitamente e arriscando a vida – foi investida por pessoas que fazem sacrifícios pelo bem dos outros. Assim se honra também o sofrimento dos enfermos e de tantos mortos. Sobre essas bases podemos construir o amanhã. Para isso, são fundamentais o empenho, a força e a dedicação de todos, cada um no seu âmbito, no seu próprio cotidiano. A nossa existência é estruturada e sustentada por pessoas comuns – quase sempre deixadas na sombra, longe das manchetes e da TV – sem as quais não podemos viver. Penso nos médicos, enfermeiros, trabalhadores de supermercados, comerciantes, encarregados da limpeza, cuidadores, transportadores, policiais, voluntários, sacerdotes, religiosos e tantos outros. E também pais, mães, avós, professores que mostram com as palavras e com o exemplo de gestos cotidianos como contornar a crise, reajustando hábitos, olhando com confiança e tenacidade para o futuro, e estimulando a oração, oferecendo-a para o bem de todos. O grau de desenvolvimento e a capacidade de recuperação dos povos se medem nos momentos de sofrimento.

Se nós tornarmos ordinários os extraordinários testemunhos de amor generoso e gratuito que têm

mantido sociedades inteiras de pé, não deixaremos que eles caiam no vazio e chegaremos todos a um tempo melhor.”



Como podemos evitar que tantos testemunhos caiam no vazio?

“Encontrando um lugar inesquecível na consciência pessoal e coletiva para essas histórias de ‘santidade ao pé da porta’, e modelando a nossa vida pessoal e comunitária nos aproximando de quem cuida e de quem está em dificuldade, do espírito de serviço e de equipe, e de obras que alimentam uma convivência civil. Somos chamados a ser pessoas diferentes, prontas para abandonar as atitudes de pessoas individualistas, que olham apenas para os próprios interesses, para nos tornarmos artesãos de comunidades solidárias. Devemos nos libertar do anseio por uma suposta e ilusória onipotência e do desejo de posse, distinguindo o que importa daquilo que é descartável, o que é realmente necessário daquilo que julgávamos importante e que acabou se revelando supérfluo. É preciso encontrar a coragem de abrir espaços onde todos se sintam acolhidos e, assim, permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade. E nós, cristãos, queremos ser os primeiros a semear a esperança. É imprescindível, a esperança.”